

SEMANA

45

1

Dia

Lucas 23.13-25

Declarado Inocente

Encontramos nesta passagem o admirável testemunho que os juizes de nosso Senhor proferiram acerca de sua perfeita inocência. Pilatos disse aos judeus: *“Apresentastes-me este homem como agitador do povo; mas, tendo-o interrogado na vossa presença, nada verifiquei contra ele dos crimes de que o acusais. Nem tampouco Herodes, pois no-lo tornou a enviar. É, pois, claro que nada contra ele se verificou digno de morte”*. O governador da Judéia e o da Galiléia foram unânimes, pois ambos concordaram em declarar que nosso Senhor não era culpado das acusações lançadas contra Ele.

Houve uma conveniência perfeita nessa declaração pública da inocência de Cristo. Temos de lembrar que nosso Senhor estava para ser oferecido como sacrifício por nossos pecados. Era correto e adequado que os seus examinadores o pronunciassem formalmente sem ofensa e culpa. Era correto e adequado que o Cordeiro de Deus fosse reconhecido por aqueles que o imolariam como um *“cordeiro sem defeito e sem mácula”* (1 Pedro 1.19).

Um leitor indolente pode considerar insignificante esse acontecimento. Mas, deve ser precioso ao coração de todo crente bem instruído. A cada dia devemos ser gratos porque nosso grande Substituto era perfeito em todos os aspectos e porque nosso Fiador era completamente puro e inculpável. Quem pode descrever os seus pecados? Deixamos de fazer coisas que são nosso dever e fazemos aquilo que não devemos, todos os dias de nossa vida. Porém temos de nos confortar no fato de que Cristo, o Justo, determinou assumir nosso lugar, com o intuito de pagar o débito que todos nós devemos e cumprir a lei que todos nós transgredimos. Ele cumpriu plenamente a lei e satisfaz todas as suas exigências. Ele foi o segundo Adão, que *“é limpo de mãos e puro de coração”* (Salmo 24.4), e pôde, por isso, entrar com coragem no santo monte de Deus. O Senhor Jesus é a justiça de todo aquele que crê (Romanos 10.4). Em Cristo, todos os crentes são considerados como perfeitos cumpridores da lei. Os olhos de um Deus santo os contempla em Cristo, vestidos com a perfeita justiça de Cristo. Por amor a Cristo, Deus pode afirmar a respeito de todo crente: *“Não vejo qualquer falta nele”*.

Nesta passagem vemos quão plenamente os judeus assumiram para si mesmos a responsabilidade total da morte de nosso Senhor. Quando Pilatos estava para soltar Jesus, os judeus *“gritavam: Crucifica-o! Crucifica-o!”*. E, novamente: *“Eles instavam com grandes gritos, pedindo que fosse crucificado”*. Esse fato da paixão de nosso Senhor merece consideração especial. Mostra-nos a exatidão das palavras dos apóstolos quando posteriormente se referiram à morte de Cristo. Mencionaram-na como um ato praticado pela nação judaica, não pelos romanos. Disse o apóstolo Pedro em Jerusalém: *“Matastes o Autor da vida”* (Atos 3.15); *“A quem vós matastes, pendurando-o num madeiro”* (Atos 5.30). E Paulo declarou aos tessalonicenses: *“Os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas”* (1 Tessalonicenses 2.15). Enquanto o mundo existir, esse fato permanecerá como memorial do

ódio natural do homem contra Deus. Quando o Filho do Homem veio ao mundo e habitou entre seu povo escolhido, eles o desprezaram, rejeitaram e mataram.

A terrível responsabilidade que os judeus assumiram em referência à morte de nosso Senhor não foi esquecida por Deus. O sangue justo que eles derramaram tem clamado contra eles como um povo, por muitos séculos. Espalhados por toda a terra, percorrendo as nações, os judeus mostram até hoje que suas próprias palavras foram assustadoramente cumpridas. O sangue do Messias imolado caiu sobre eles e sobre os seus filhos. Para o mundo, os judeus são um permanente aviso de que horrível coisa é rejeitar o Senhor Jesus Cristo e de que a nação que fala intrepidamente contra Deus não deve estranhar se Deus lidar com ela de acordo com suas palavras. Sem dúvida, maravilhoso é saber que existe misericórdia para Israel, apesar de todos os seus pecados e incredulidade. A nação que traspassou e matou nosso Senhor ainda o contemplará pela fé e será restaurada ao favor de Deus (Zacarias 12.10).

Observemos as admiráveis circunstâncias relacionadas à liberdade de Barrabás. Pilatos soltou *“aquele que estava encarcerado por causa da sedição e do homicídio, a quem eles pediam; e, quanto a Jesus, entregou-o à vontade deles”*. Dois homens estavam diante de Pilatos e ele precisava soltar um deles. O primeiro era um pecador diante de Deus e dos homens, um malfeitor contaminado por muitos crimes. O outro era o santo, puro e inculpável Filho de Deus, em quem não havia qualquer falha. Apesar disso, Pilatos condenou o prisioneiro inocente e libertou o culpado. Ordenou que Barrabás fosse posto em liberdade e entregou Jesus para ser crucificado.

Esta circunstância é bastante instrutiva. Manifesta a perversa malícia dos judeus contra nosso Senhor. Citando as palavras do apóstolo Pedro, eles negaram *“o Santo e o Justo”* e pediram que lhes *“concedessem um homicida”* (Atos 3.14). Mostra a profunda humilhação à qual nosso Senhor se sujeitou, a fim de consumir nossa redenção. Ele permitiu ser julgado como alguém inferior a um assassino e considerado mais culpado do que o principal dos pecadores. Existe um significado mais profundo nesta circunstância, que não devemos deixar de observar. Há aqui uma figura vívida da maravilhosa troca que ocorre entre Cristo e o pecador, quando este é justificado aos olhos de Deus. Cristo foi feito *“pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”* (2 Coríntios 5.21). Cristo, o inocente, foi pronunciado culpado diante de Deus para que nós, os culpados, fôssemos declarados inocentes e livres da condenação eterna.

Como crentes, devemos descansar no confortável pensamento de que Cristo realmente se tornou nosso Substituto e foi castigado em nosso lugar. Confessemos abertamente que, à semelhança de Barrabás, merecemos a morte, o juízo e o inferno. Mas apeguemo-nos com firmeza à gloriosa verdade de que um Salvador imaculado sofreu em nosso lugar e de que, crendo nele, o culpado se torna livre. Aleluia!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2

Dia

Cristo Ora por Aqueles que o Assassinaram

Lucas 23.26-38

Encontramos neste relato o aviso profético das palavras de nosso Senhor. Ele disse às mulheres que o seguiam à caminho do Calvário: *“Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos. Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram, nem amamentaram”*.

Eram palavras terríveis aos ouvidos de uma mulher judia. Para ela sempre era uma desgraça não ter filhos. A ideia de chegar um tempo em que não ter filhos seria uma bênção deveria ter sido um novo e terrível pensamento em sua mente. Apesar disso, foram palavras que se cumpriram literalmente dentro de cinquenta anos. O cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos, sob o comando de Tito, trouxe para todos os habitantes da cidade os mais horríveis sofrimentos que podem ser imaginados. Sabemos que as mulheres realmente comeram seus filhos durante o cerco por falta de comida. Sobre nenhuma outra pessoa os últimos juízos enviados à nação judaica caíram tão severamente quanto sobre as esposas, as mães e os filhos.

Acautelemo-nos de pensar que o Senhor Jesus oferece aos homens somente misericórdia, perdão e amor. Sem dúvida alguma, Ele possui abundante misericórdia. Ele se deleita na misericórdia, mas não podemos esquecer que nele existe tanto justiça quanto misericórdia. Juízos estão preparados para os impenitentes e incrédulos. O evangelho revela ira para aqueles que endurecem a si mesmos na impiedade. A mesma nuvem que era luz para o povo de Israel era trevas para os egípcios. O mesmo Senhor Jesus que convida os cansados e sobrecarregados a virem a Ele, para encontrarem descanso, declara com muita clareza que, se o homem não se arrepender e crer, perecerá e será condenado (Lucas 13.3; Marcos 16.16). O mesmo Salvador que agora retém sua ira dos rebeldes e desobedientes virá, um dia, *“em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho”* (2 Tessalonicenses 1.8). Permitamos que essas verdades se aprofundem em nosso coração. Cristo é realmente muitíssimo gracioso, mas o dia da graça terminará.

Por fim, o mundo incrédulo descobrirá, assim como os habitantes de Jerusalém naquela época, que em Deus tanto existe o julgamento quanto a misericórdia. Nenhuma outra demonstração de ira virá com tanto poder quanto a que há muito tempo está sendo entesourada e acumulada.

Também observamos nestes versículos as palavras da graciosa intercessão de nosso Senhor. Quando Ele foi crucificado, suas primeiras palavras foram: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”*. Sua torturante agonia física não o fez esquecer os outros. A primeira de suas sete afirmações na cruz foi uma súplica em favor da alma de seus assassinos. Seu ofício profético acabara de ser exibido por meio de uma predição notável; logo Ele manifestaria seu ofício real, ao abrir as portas do Paraíso para um ladrão arrependido. Seu ofício sacerdotal

estava agora sendo demonstrado, ao interceder por aqueles que o crucificaram. Ele disse: *“Pai, perdoa-lhes”*.

Os frutos desta súplica maravilhosa jamais serão vistos plenamente até ao dia em que os livros serão abertos e revelados os segredos de todos os corações. Provavelmente não fazemos a menor ideia de quantas conversões a Deus ocorridas em Jerusalém, nos primeiros seis meses após a crucificação, foram uma resposta direta para a oração de Jesus. Talvez essa súplica tenha sido o primeiro passo na direção ao arrependimento do ladrão crucificado. É possível que ela tenha sido um dos instrumentos que afetou o centurião que afirmou: *“Verdadeiramente este homem era justo”* e o povo que retirou-se *“a lamentar, batendo nos peitos”*. É provável que esta súplica tenha resultado na conversão daquelas três mil pessoas no Dia de Pentecostes, as quais anteriormente estavam entre os assassinos de Jesus. O último dia o revelará. Nada há oculto que não será revelado naquele dia. Estejamos certos: o Pai sempre ouve o Filho. Podemos ter certeza de que essa oração maravilhosa foi ouvida.

Vejam na intercessão de nosso Senhor mais uma comprovação do infinito amor de Jesus pelos pecadores. Sem dúvida, Ele é bastante piedoso, compassivo e gracioso. Não existe uma pessoa tão ímpia que por ela o Senhor Jesus não se preocupe. Não há pessoas tão perdidas no pecado que o todo poderoso amor de Cristo não se interesse por redimir. Ele chorou pela Jerusalém incrédula, ouviu a súplica do ladrão moribundo. Parou embaixo de uma árvore, em Jericó, a fim de chamar o publicano Zaqueu. Veio dos céus para converter o coração de Saulo, o perseguidor da igreja, e mesmo na cruz achou tempo para orar em favor dos que o matavam. Jesus demonstrou um amor que excede todo entendimento. O pior dos pecadores não tem motivo para sentir receio de recorrer a um Salvador como este. Se quiser segurança e encorajamento para se arrepender e crer, esta passagem com certeza os oferecem com suficiência.

Finalmente, vejamos na intercessão de nosso Senhor um notável exemplo do espírito que deve reinar no coração de todo o seu povo. Assim como Jesus, paguemos o mal com o bem e compensemos a maldição com a bênção. Seguindo o exemplo de nosso Senhor, oremos por aqueles que com maldade nos ameaçam e perseguem. O orgulho de nosso coração talvez se rebelde frequentemente com essa ideia. O mundo pode qualificar como mesquinho esse tipo de comportamento. No entanto, jamais nos envergonhemos de imitar nosso divino Senhor. O homem que ora por seus inimigos manifesta a mentalidade que havia em Cristo e terá sua recompensa.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

Lucas 23.39-43

O Ladrão Arrependido

Estes versículos merecem ser impressos em letras de ouro. Talvez eles já foram usados para a salvação de milhares de almas. Multidões agradecerão a Deus, durante toda a eternidade, porque a Bíblia relata a história do ladrão arrependido.

Vemos nesta história a soberania de Deus em salvar os pecadores. Somos informados que dois malfeitores foram crucificados juntamente com nosso Senhor, sendo um à sua direita, o outro, à sua esquerda. Ambos estavam igualmente próximos de Cristo e viram e ouviram tudo que se passou durante as horas em que Ele esteve pendurado na cruz. Ambos estavam morrendo e sofrendo dores intensas, eram pecadores ímpios e necessitavam de perdão. Entretanto, um deles morreu em seus pecados, assim como passara toda a sua vida, tendo o coração endurecido, impenitente e incrédulo. O outro se arrependeu, creu, clamou a Jesus por misericórdia e foi salvo.

Fatos semelhantes a esse deveriam nos ensinar humildade. Não podemos explicá-lo. Podemos apenas dizer: *“Sim, Ó Pai, porque assim foi do teu agrado”* (Mateus 11.26). Como pode acontecer que exatamente nas mesmas circunstâncias um homem se converta a Cristo e outro permaneça morto em seus pecados? Por que o mesmo sermão foi ouvido com indiferença por um homem, enquanto motivou o outro a orar e buscar Cristo? Por que o mesmo evangelho foi ocultado para um homem e revelado para o outro? Todas estas são perguntas que provavelmente não somos capazes de responder. Apenas sabemos que assim aconteceu, sendo inútil tentar negá-lo.

Nosso dever é claro e óbvio, pois temos de utilizar com diligência todos os meios que Deus designou para o bem de nossa alma. A oferta do evangelho é gratuita, ampla e geral. *“Em tudo que fazemos”*, diz um artigo de um credo, *“a vontade de Deus precisa ser obedecida, a vontade expressamente declarada para nós na Palavra de Deus”*. A soberania dele jamais tencionou anular a responsabilidade do homem. Um dos ladrões foi salvo para que nenhum pecador se sinta desesperado; mas, somente um, para que ninguém seja presunçoso.

Em segundo, vemos o imutável caráter do arrependimento para a salvação. É um assunto frequentemente esquecido na história do ladrão arrependido. Milhares de pessoas prendem-se ao fato de que ele foi salvo na hora da morte e não consideram outros aspectos de sua salvação. Não levam em conta as evidências nítidas e bem definidas do arrependimento, manifestadas por meio das palavras que seus lábios pronunciaram antes dele morrer. Essas evidências merecem uma observação especial.

O primeiro e notável passo no arrependimento do ladrão foi sua preocupação com a atitude ímpia de seu companheiro em ultrajar Cristo. O ladrão arrependido disse: *“Nem ao menos temas a Deus, estando sob igual sentença?”*. O segundo passo foi um pleno reconhecimento de seu próprio pecado: *“Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem”*. O terceiro passo foi uma confissão sobre a inocência de

Cristo: *“Este nenhum mal fez”*. O quarto passo foi uma demonstração de fé no poder e vontade de Cristo para salvá-lo. Ele se voltou a Alguém que sofria agonizante e reconheceu-o como *“Senhor”*, ao declarar sua crença de que Ele possuía um reino. O quinto passo foi uma oração. Ele clamou a Jesus, quando estava pendurado na cruz, e suplicou-lhe mesmo naquela hora que pesasse em sua alma. O sexto passo foi a humildade. Ele implorou ser lembrado por Cristo. Ele implorou para ser lembrado por nosso Senhor. O ladrão arrependido não pediu qualquer ato grandioso; se Cristo se lembrasse dele, isto seria o bastante. Estes seis passos devem sempre ser mencionados em conexão com o arrependimento do ladrão. Seu tempo foi muito curto para apresentar evidências de conversão. Mas foi um tempo bem utilizado. Poucas pessoas na hora da morte têm deixado evidências tão boas quanto essas, deixadas pelo ladrão arrependido.

Tenhamos cuidado com o arrependimento sem evidências. Milhares de pessoas estão partindo deste mundo abraçadas com a mentira. Imaginam que serão salvas porque o ladrão arrependido foi salvo na hora da morte. Esquecem que, se desejam ser salvas, têm de se arrepender assim como ele se arrependeu. Quanto mais curto for o tempo de uma pessoa, tanto melhor deve ser a maneira como ela o utiliza. Quanto mais perto ela estiver da morte, tanto mais nítidas devem ser as evidências que ela deixará após sua partida. Com segurança, poderíamos estabelecer como regra geral o fato de que nada é tão insatisfatório quanto um arrependimento na hora da morte.

Em terceiro, vemos nesta história o admirável poder e disposição de Cristo para salvar os pecadores. Está escrito que Ele *“pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus”* (Hebreus 7.25). Se pesquisarmos a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, não encontraremos uma prova mais notável do poder e da misericórdia de Cristo do que a salvação do ladrão arrependido.

A ocasião em que o ladrão foi salvo era a hora da maior fraqueza de nosso Senhor. Ele estava agonizando, pendurado na cruz. Mesmo naquela circunstância, Ele ouviu e respondeu a súplica de um pecador, abrindo-lhe a porta da vida. Com certeza, isto foi uma demonstração de *“poder”*. O homem salvo por nosso Senhor era um pecador ímpio que estava às portas da morte, não tendo em sua vida passada nada que o recomendasse e nenhuma dignidade em sua presente condição, exceto uma oração humilde. Mesmo assim, ele foi resgatado como um tição tirado do fogo. Com certeza, isto foi uma demonstração de *“misericórdia”*.

Queremos prova de que a salvação não resulta de obras e, sim, da graça divina? O ladrão arrependido é uma prova. Ele teve suas mãos e pés cravados na cruz e não podia literalmente fazer nada por sua alma. Apesar disso, foi salvo pela infinita graça de Cristo. Ninguém recebeu uma tão completa segurança do perdão de seus pecados quanto aquele homem.

Queremos prova de que os sacramentos e as ordenanças não são absolutamente necessários à salvação e de que alguém pode ser salvo sem eles, quando essa pessoa não pode recebê-los? O ladrão arrependido é uma prova. Ele jamais foi batizado, não pertenceu a uma igreja, nem recebeu a Ceia do Senhor. Mas arrependeu-se, creu e, por isso, foi salvo. Essas verdades devem ser guardadas no profundo de nosso coração. Cristo nunca muda. O caminho

da salvação é sempre o mesmo. Aquele que salvou o ladrão arrependido continua vivo. Há esperança para o pior dos pecadores, se ele tão somente se arrepender e crer.

Por último, vemos nesta história quão próximo da glória e do descanso eterno está o crente moribundo. Nosso Senhor disse ao malfeitor em resposta à sua oração: *“Hoje estarás comigo no paraíso”*.

A palavra *“hoje”* contém muita teologia. Ela nos mostra que, no exato momento da morte do crente, sua alma está em um lugar de segurança e felicidade. Ainda não chegou à sua morada final. Porém, não haverá uma demora misteriosa, um tempo de suspense, um purgatório, entre sua morte e seu estado de recompensa. No dia em que o crente dá seu último suspiro, ele vai ao Paraíso. No momento em que o crente parte deste mundo, ele está com Cristo (Filipenses 1.23).

Lembremos sempre esses fatos, quando falecerem nossos irmãos em Cristo. Não devemos nos entristecer por causa deles, tal como o fazem aqueles que não têm esperança. Enquanto nos entristecemos, eles estão se regozijando. Quando derramamos nossas lágrimas e lamentações em seus funerais, eles estão seguros e felizes com seu Senhor. Acima de tudo, se somos verdadeiros crentes, devemos recordar esses fatos ao olharmos adiante e contemplarmos nossa própria morte. Morrer é algo solene, todavia, se morrermos no Senhor, não precisaremos ter dúvida de que nossa morte será lucro.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

Sinais que Acompanham a Morte de Cristo

Lucas 23.44-49

O sol escureceu-se e *“houve trevas sobre toda a terra”* por três horas, *“e rasgou-se pelo meio o véu do santuário”*. Era conveniente e certo que a atenção de todos os moradores de Jerusalém e arredores fosse atraída de maneira notável, quando o grande sacrifício pelo pecado estava sendo oferecido e o Filho de Deus estava morrendo. Quando a Lei foi entregue no monte Sinai, houve sinais e maravilhas aos olhos de todo o Israel. Houve sinais e maravilhas semelhantes quando o sangue expiatório de Cristo estava sendo derramado no Calvário. Houve um sinal para um mundo incrédulo. As trevas ao meio-dia seriam um sinal que impeliria os homens a pensar. Houve um sinal para os religiosos e os ministros do templo. O rasgar-se do véu que separava o Lugar Santo e o Santo dos Santos foi um milagre que criaria temor no coração de todo sacerdote e levita no serviço do templo.

Devemos lembrar que sinais em ocasiões especiais foram parte da maneira de Deus lidar com os homens. Ele conhece a desesperada estupidez e incredulidade da natureza humana. Ele reconhece como necessário o despertar nossa atenção com obras miraculosas, quando introduz uma nova dispensação. Por meio dos sinais, Ele compele os homens a abrirem seus olhos e a determinarem se querem ou não ouvir a voz divina por breve momento. Deus fez isto com muita frequência nos dias passados. Ele agiu do mesmo modo quando entregou a Lei e na ocasião em que estabeleceu a dispensação do evangelho. Fará isso novamente no advento da segunda vinda de Cristo. Deus mostrará ao mundo escarnecedor e incrédulo que pode sustar as leis da natureza, sempre que desejar, e alterar o curso das coisas criadas tão facilmente quanto trouxe o mundo à existência. Ele cumprirá suas palavras: *“Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu”* (Hebreus 12.26). *“A lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião”* (Isaías 24.23).

Em segundo, devemos observar nestes versículos as palavras admiráveis que nosso Senhor pronunciou ao morrer. *“Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito! E, dito isto, expirou.”* Nas suas palavras existe um profundo significado, que não somos capazes de esquadrihar. Havia algo misterioso na morte de nosso Senhor que a tornou diferente da morte de qualquer outro ser humano. Aquele que proferiu essas palavras, temos de lembrar com atenção, tanto era Deus quanto era homem. Suas duas naturezas, divina e humana, estavam unidas de modo inseparável. É lógico que sua natureza divina não poderia morrer. Ele declarou a respeito de si mesmo: *“Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la”* (João 10.17 e 18). Cristo morreu, não porque estava obrigado ou porque não poderia evitá-lo, como nós não podemos, mas Ele morreu voluntariamente, de sua própria e espontânea vontade.

Entretanto, existe um sentido em que as palavras de nosso Senhor ministram uma lição preciosa para todos os verdadeiros crentes. Elas nos mostram a maneira como a morte

deve ser recebida por todo filho de Deus e nos apresentam um exemplo que todos os crentes devem se esforçar para seguir. Assim como nosso Senhor, não devemos ter medo de enfrentar o “rei dos terrores”. Devemos considerá-lo um inimigo conquistado, cujo aguilhão foi anulado pela morte de Cristo. Devemos pensar sobre a morte como um inimigo que pode afligir nosso corpo apenas por um breve momento e, depois, nada mais pode fazer. Devemos esperar com calma e paciência sua aproximação e crer que, ao desfazer-se o corpo, nossa alma estará bem guardada. Essa foi a atitude de Estêvão, quando estava morrendo; ele disse: “*Senhor Jesus, recebe o meu espírito!*” (Atos 7.59) . Foi também a atitude de Paulo, quando estava idoso e chegou o tempo de sua partida; ele declarou: “*Sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia*” (2 Timóteo 1.12). Felizes são aqueles que têm um final de vida semelhante a esses! Por último, devemos observar nestes versículos o poder da consciência no caso do centurião e das pessoas que contemplaram a morte de Cristo. Somos informados que o centurião “*deu glória a Deus, dizendo: Verdaderamente, este homem era justo*”, e que as multidões reunidas para assistir o evento “*retiraram-se a lamentar, batendo nos peitos*”.

Não sabemos com exatidão a natureza dos sentimentos aqui descritos, tampouco conhecemos a profundidade deles ou os frutos que posteriormente produziram. De qualquer modo, uma coisa é evidente: o oficial romano sentiu-se convencido de que havia coordenado uma ação injusta e crucificado um homem inocente; a multidão pasmada foi atormentada em seu coração por um sentimento de ter ajudado, contemplado e instigado um grave erro. Tanto judeus como gentios deixaram o Calvário naquele entardecer com corações sobrecarregados e inquietos, condenando a si mesmos.

Na verdade, grande é o poder da consciência e imensa é a influência que ela pode exercer no coração dos homens. A consciência pode infligir terror na mente dos monarcas, fazer que as multidões tremam e sintam-se comovidas diante de poucos ousados amigos da verdade, assim como um rebanho de ovelhas aterrorizadas. Embora frequentemente esteja cega e enganada, incapaz de converter o homem ou levá-lo a Cristo, a consciência é uma das mais benditas partes da constituição do ser humano e, em uma igreja, a melhor amiga do pregador do evangelho. Não admiramos que Paulo disse: “*Nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade*” (2 Coríntios 4.2).

Aquele que deseja ter paz interior precisa parar de lutar contra sua consciência. Pelo contrário, tem de usá-la corretamente, protegê-la com zelo, ouvir o que ela tem para dizer e considerá-la uma amiga pessoal. Acima de tudo, deve orar diariamente para que sua consciência seja iluminada pelo Espírito Santo e purificada pelo sangue de Cristo. São bastante significativas as palavras do apóstolo João: “*Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus*” (1 João 3.21). Está agindo bem o homem que pode dizer: “*Também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens*” (Atos 24.16).

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

José de Arimatéia Sepulta Jesus

Lucas 23.50-56

Vemos nestes versículos que Cristo tem alguns discípulos sobre os quais pouco sabemos. Lucas nos fala sobre um discípulo chamado José, *“homem bom e justo (que não tinha concordado com o desígnio e ação dos outros)”* - condenar e matar nosso Senhor - e *“que esperava o reino de Deus”*. José de Arimatéia foi ousadamente a Pilatos, depois da crucificação, e *“pediu-lhe o corpo de Jesus, e, tirando-o do madeiro, envolveu-o num lençol de linho, e o depositou num túmulo”*.

Nada sabemos a respeito de José de Arimatéia, exceto o que Lucas nos conta nesta passagem. Em nenhuma parte de Atos dos Apóstolos, ou nas epístolas, encontramos menção de seu nome. Ele não apareceu em nenhuma ocasião anterior, durante o ministério de nosso Senhor. Não podemos explicar o motivo pelo qual José de Arimatéia não se uniu publicamente aos outros discípulos. Mas agora, à hora undécima, esse homem não tem medo de se mostrar como um dos amigos de nosso Senhor. No próprio tempo em que os apóstolos abandonaram Jesus, José de Arimatéia não se envergonhou de manifestar seu amor e respeito. Outros haviam confessado o Senhor, enquanto Ele vivia e realizava milagres. Foi reservado a José de Arimatéia o confessá-lo quando já havia morrido.

A história desse discípulo é cheia de instrução e encorajamento. Ela nos mostra que Cristo tem amigos sobre os quais a igreja sabe muito pouco ou nada, amigos que o confessam menos do que outros, porém são amigos que em verdadeiro amor e afeição por Cristo não ficam atrás de ninguém. Acima de tudo, a história de José de Arimatéia nos mostra que os acontecimentos podem revelar a existência da graça divina no coração de pessoas em quem, no presente, não esperaríamos encontrar. Revela também que a obra de Cristo um dia poderá comprovar que Ele tem muitos colaboradores cuja existência no presente não temos conhecimento. Estes colaboradores são pessoas que Davi chamou de *“protegidos”* (Salmo 83.3) e que Salomão comparou ao *“lírio entre os espinhos”* (Cantares 2.2).

Aprendamos de José de Arimatéia a ser amáveis e esperançosos em nossos julgamentos. Nem tudo está improdutivo neste mundo, quando nossos olhos não podem ver algum fruto. Pode haver alguns brilhos repentinos de luz, enquanto tudo parece estar em trevas. Pequenas plantas de vida espiritual, plantadas por nosso Pai celestial, talvez sejam encontradas nas mais remotas congregações. Sementes da fé verdadeira podem estar escondidas no coração de algum negligenciado membro da igreja, sementes que Deus ali colocou. Havia sete mil verdadeiros adoradores em Israel sobre os quais Elias não sabia coisa alguma (1 Rei 19.18). O Dia do Juízo trará à luz homens que pareciam ser os últimos e os colocará entre os primeiros.

A realidade da morte de Cristo é um fato apresentado de maneira incontestável pelas circunstâncias relatadas sobre o sepultamento de nosso Senhor. Não poderiam estar enganados aqueles que retiraram seu corpo da cruz e o envolveram em lençóis de linho. A

própria percepção sensorial de tais pessoas foi testemunha de que estavam carregando apenas um cadáver. Seus olhos e suas mãos devem lhes ter dito que o corpo colocado por elas no túmulo de José não estava vivo, mas morto.

A importância desse fato é mais sublime do que pode imaginar um leitor desatento. Se Cristo realmente não morreu, acabariam todas as consolações fornecidas pelo evangelho. Nada menos do que sua morte poderia ter pago a dívida do homem para com Deus. Sua encarnação, milagres, parábolas, sermões, obediência imaculada à Lei não teriam qualquer proveito, se Ele não houvesse morrido. A penalidade imposta ao primeiro Adão era a morte eterna no inferno. Se o segundo Adão não tivesse morrido verdadeiramente em nosso lugar, de maneira tão autêntica quanto nos ensinou a verdade, a penalidade original permaneceria com todo o seu poder sobre Adão e todos os seus filhos. É o vivificador sangue de Cristo que salva nossas almas.

Devemos bendizer a Deus para sempre, porque a morte de nosso Redentor é um fato inquestionável. O centurião que ficou perto da cruz, os amigos que removeram os cravos de seu corpo e colocaram no sepulcro, as mulheres que presenciaram sua morte, os sacerdotes que mandaram selar o túmulo, os soldados que o guardaram - todos são testemunhas de que Cristo realmente morreu. O grande sacrifício foi verdadeiramente oferecido. A vida do Cordeiro foi realmente tirada. A pena devida ao pecado foi, de fato, paga por nosso divino Substituto. Os pecadores que creem em Jesus podem ter esperança e viver sem medo. Em si mesmos, eles são culpados; mas Cristo morreu pelos ímpios e a dívida deles está agora completamente paga.

Por último, vemos nestes versículos o respeito com que os discípulos de Cristo obedeceram o quarto mandamento. *“No sábado”* as mulheres que prepararam aromas e bálsamos, para ungir o corpo de Jesus, *“descansaram, segundo o mandamento”*.

É um pequeno fato, mas um poderoso argumento indireto em resposta àqueles que nos declaram ter Cristo abolido o quarto mandamento. Nem esta passagem nem qualquer outra nos fornece qualquer coisa para assegurarmos tal conclusão. Vemos nosso Senhor frequentemente denunciando as tradições humanas dos judeus em referência à observação do dia de descanso; removendo desse dia as opiniões supersticiosas e antibíblicas e mantendo com firmeza que obras necessárias e de misericórdia não constituem transgressões do quarto mandamento. No entanto, em nenhum lugar o achamos ensinando que o dia de descanso não deve ser observado de maneira alguma. E, nesta passagem, os seus discípulos se mostraram tão escrupulosos quanto qualquer outro judeu no que se referia ao dever de guardar o dia de descanso. Certamente eles nunca foram ensinados por seu Senhor que o quarto mandamento não era um dever dos crentes.

Apeguemo-nos com firmeza à antiga doutrina de que o dia de descanso não é simplesmente uma instituição judaica, mas um dia que desde o princípio tinha em vista o benefício do homem e que foi estabelecido para ser observado pelos crentes, bem como pelos judeus. Não tenhamos dúvida de que os apóstolos foram instruídos por seu Senhor a mudarem o dia de descanso do sétimo para o primeiro dia da semana, embora, sob a misericórdia divina, a mudança não tenha sido proclamada publicamente para evitar ofensa ao povo de Israel. Acima de tudo, devemos considerar o dia de descanso como uma instituição de importância

primária para a alma do homem e lutar ardentemente pela sua observância entre nós, em toda a sua integridade. É bom para o corpo, a alma e a mente. É bom para a nação que o observa e para a igreja que o honra. Há pouca distância entre o negar o quarto mandamento e o negar a Deus. O indivíduo que transforma o domingo em um dia para negócios e prazeres é um inimigo dos melhores interesses de seus companheiros. Aquele que supõe que deveria o crente ser tão espiritual que não precisa separar um dia entre os demais da semana sabe pouco a respeito do coração humano e das exigências de nosso cumprimento da Palavra em um mundo sedutor e perverso.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6

Dia

Lucas 24.1-12

A Visita das Mulheres ao Sepulcro

A ressurreição de Cristo é uma das grandes pedras fundamentais do cristianismo. Em sua importância prática, fica atrás apenas da crucificação. O capítulo que agora iniciamos conduz nossa mente à evidência da ressurreição. É uma incontestável prova de que Jesus não apenas morreu, mas também ressuscitou.

Vemos nestes versículos a realidade da ressurreição de Cristo. Somos informados que, *“no primeiro dia da semana”*, algumas mulheres foram ao sepulcro em que o corpo de Jesus havia sido colocado, a fim de ungi-lo. No entanto, quando chegaram ao lugar, *“encontraram a pedra removida do sepulcro; mas, ao entrarem, não acharam o corpo do Senhor Jesus”*.

O fato é simples, mas indica o ponto inicial da história da ressurreição de Cristo. No dia de descanso, pela manhã, seu corpo jazia seguro no sepulcro; no domingo, pela manhã, já não estava mais ali. Quem o havia tirado? Quem o removera dali? Com certeza, não foram os sacerdotes, ou os escribas, ou os inimigos do Senhor Jesus. Se eles estivessem com o corpo de Jesus, não hesitariam em mostrá-lo para refutar a sua ressurreição. Tampouco foram os apóstolos ou os outros discípulos de Cristo. Eles estavam bastante temerosos e desanimados para tentarem fazer tal coisa e, além disso, não ganhariam nada com isso. Uma explicação, somente uma, poderia satisfazer as exigências do ocorrido e ela foi apresentada pelos anjos mencionados na passagem. Cristo *“ressuscitou”* dentre os mortos. Procurá-lo no sepulcro significava buscar *“entre os mortos ao que vive”*. Ele havia ressuscitado e logo muitas testemunhas confiáveis o veriam e conversariam com Ele.

A ressurreição de nosso Senhor descansa sobre evidências que nenhum incrédulo jamais pode explicar. Foi confirmada por testemunhos de todo o tipo, espécie e descrição. A história simples e evidente sobre a qual falam os autores dos evangelhos é uma história que não pode ser destruída. Quanto mais analisamos o relato dos evangelistas, tanto mais inexplicável se mostrará o acontecimento da ressurreição, a menos que o aceitemos como verdadeiro. Se decidirmos negar a verdade desses relatos, então, poderemos negar qualquer outro acontecimento da história mundial. Não há tanta certeza de que Júlio Cesar tenha existido quanto há certeza de que Cristo ressuscitou.

Creiamos com firmeza na ressurreição de Cristo como um dos firmamentos do evangelho. Ela deve produzir em nossas mentes uma convicção profunda da veracidade do cristianismo. Nossa fé não depende simplesmente de um conjunto de passagens bíblicas e de doutrinas. Está alicerçada em um poderoso fato que os incrédulos jamais foram capazes de aniquilar. A ressurreição de Cristo tem de nos assegurar a ressurreição de nosso próprio corpo após a morte física. Se nosso Senhor ressurgiu dentre os mortos, não podemos duvidar que seus discípulos ressuscitarão no último dia. Acima de tudo, a ressurreição de Cristo deveria encher nosso coração com um senso de regozijo quanto à plenitude da salvação apresentada no evangelho. Quem nos condenará? Nossa grande Segurança não apenas morreu por nós,

mas também ressuscitou (Romanos 8.34). Ele foi ao Hades em nosso lugar e ressurgiu triunfante, após ter expiado os nossos pecados. O pagamento que Ele fez por nós foi aceito. A obra de satisfação de nossos pecados foi plenamente realizada. Não admiramos o que o apóstolo Pedro afirmou: *“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”* (1 Pedro 1.3).

Vemos nestes versículos quão obscurecida estava a memória dos discípulos em referência a alguns dos ensinamentos de Jesus. Os anjos que apareceram às mulheres lhes falaram o que o Senhor havia proferido na Galiléia, renunciando sua própria crucificação e ressurreição. Em seguida, elas *“se lembraram das suas palavras”*. Havia escutado as palavras de nosso Senhor, mas não as guardaram. Agora, após vários dias, recordaram-nas.

Um obscurecimento de memória é uma doença espiritual comum entre os crentes. Hoje ela prevalece tão amplamente quanto prevalecia nos dias dos primeiros discípulos. É uma das muitas provas de nosso estado caído e corrupto. Mesmo depois de terem sido regenerados pelo Espírito Santo, a prontidão dos homens para esquecerem as promessas e os preceitos do evangelho constantemente os coloca em dificuldades. Eles ouvem muitas coisas que deveriam entesourar em seu coração, mas parecem esquecê-las tão rápido quanto as ouvem. E, somente depois de vários dias, a aflição os faz recordar tais coisas e, imediatamente, lhes ocorre a ideia de que já as haviam escutado. Descubrem que tinham ouvido tais coisas, mas as ouviram em vão.

A verdadeira cura para uma memória obscurecida quanto às verdades espirituais é aprofundar o amor a Cristo e ter as afeições focalizadas mais completamente nas coisas celestiais. Não esquecemos com prontidão as coisas que amamos e os objetos que temos constantemente diante de nossos olhos. Sempre recordamos os nomes de nossos pais e de nossos filhos. O rosto do esposo ou o da esposa que amamos está gravado em nosso coração. Quanto mais nossas afeições estiverem engajadas no serviço de Cristo, tanto mais fácil será recordarmos as suas palavras. Precisamos ponderar atentamente a afirmativa do apóstolo: *“Por esta razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos”* (Hebreus 2.1).

Por último, vemos nestes versículos que os primeiros discípulos demoraram a crer no assunto da ressurreição de Cristo. Quando as mulheres retornaram do sepulcro e contaram aos apóstolos o que os anjos lhes haviam dito, as palavras das mulheres pareceram aos apóstolos *“como delírio, e não acreditaram nelas”*. Apesar de todas as afirmativas claras de seu Senhor, declarando que ressuscitaria ao terceiro dia; apesar do testemunho evidente de cinco ou seis pessoas dignas de confiança, afirmando que o sepulcro estava vazio e que os anjos lhes haviam dito que Jesus ressuscitara; apesar da evidente impossibilidade de nenhuma outra suposição explicar porque o túmulo estava vazio, exceto a suposição de uma ressurreição miraculosa - apesar de tudo isso, os onze discípulos sem fé não queriam acreditar.

Talvez nos admiremos de sua incredulidade. Sem dúvida, a princípio isto nos parece a coisa mais ilógica, irracional, provocante e inexplicável. Mas não seria bom pensarmos em nossa própria época? Não vemos ao nosso redor, nas igrejas chamadas cristãs, uma enorme medida de incredulidade, mais irracional e culpável do que essa demonstrada pelos apóstolos?

Não vemos entre nós, após muitos séculos de provas adicionais referentes à ressurreição de Cristo, uma generalizada incredulidade, que é realmente deplorável? Não vemos miríades de crentes professos que parecem não acreditar que Jesus morreu, ressuscitou dos mortos e voltará novamente, para julgar o mundo? Estas são perguntas dolorosas. Fé grande é realmente uma coisa rara. Não é surpresa que nosso Senhor afirmou: *“Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?”* (Lucas 18.8).

Admiremos a sabedoria de Deus, capaz de fazer algo que parece mau resultar em grande benefício. A incredulidade dos apóstolos, na ocasião, é uma das grandes e indiretas evidências de que Jesus ressuscitou dentre os mortos. Se os discípulos a princípio mostraram-se tão retraídos em crer na ressurreição de nosso Senhor, mas, por fim, foram tão completamente persuadidos de sua veracidade, que a proclamaram em todos os lugares, Cristo realmente ressuscitou. Os primeiros pregadores eram homens que foram convencidos, apesar de si mesmos e de sua obstinada e decidida indisposição para crer.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

Lucas 24.13-35

A Caminho para Emaús

A história contida nestes versículos não se encontra em nenhum outro evangelho. De todas as onze aparições de nosso Senhor depois de sua ressurreição, nenhuma parece ser tão interessante quanto à descrita nesta passagem.

Observemos nestes versículos que encorajamento existe na atitude de um crente falar ao outro sobre Cristo. Dois discípulos caminhavam juntos na estrada para Emaús e conversavam a respeito da crucificação de nosso Senhor. Então, lemos as admiráveis palavras: *“Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles”*.

A conversa sobre as coisas espirituais é um dos mais importantes meios da graça. Assim como o ferro com o ferro se afia, assim também a troca de pensamentos espirituais aperfeiçoa a alma de um crente. Produz uma bênção especial para todos os que a praticam. As admiráveis palavras de Malaquias foram proferidas para o benefício da igreja em todas as épocas: *“Os que temiam ao SENHOR falavam uns aos outros; o SENHOR atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao SENHOR e para os que se lembram do seu nome. Eles serão para mim particular tesouro, naquele dia que preparei, diz o SENHOR dos Exércitos”* (Malaquias 3.16-17).

O que nós mesmos sabemos a respeito da conversa cristã com outros servos do Senhor Jesus? Talvez nós leiamos nossas Bíblias, oremos em particular e utilizemos os meios públicos da graça. E isso é muito bom. Mas, se fizermos apenas isso, estaremos negligenciando um grande privilégio e ainda temos muito a aprender. Nós temos de nos considerar uns aos outros, *“para nos estimularmos ao amor e às boas obras”* (Hebreus 10.24); bem como precisamos exortar e edificar *“uns aos outros”* (1 Tessalonicenses 5.11). Não temos tempo para conversas sobre verdades espirituais? Pensemos novamente. A quantidade de tempo desperdiçada em conversas frívolas, triviais e sem proveito é terrivelmente grande? Não encontramos nada para dizer sobre assuntos espirituais? Nos sentimos mudos e temos nossa língua presa no que se refere aos assuntos de Cristo? Com certeza, se for o nosso caso, deve haver algo errado com o nosso coração. Um coração correto diante de Deus geralmente encontrará palavras. *“A boca fala do que está cheio o coração”* (Mateus 12.34).

Fica uma lição dos dois viajantes de Emaús, citados nesta passagem. Conversemos sobre Jesus, quando estamos assentados em nossos lares e andando pelo caminho, sempre que acharmos um discípulo com o qual possamos conversar (Deuteronômio 6.7). Se cremos que estamos viajando em direção ao céu, onde Cristo será o objeto central de todos os pensamentos, aprendamos o comportamento dos céus, enquanto estamos vivendo na terra. Agindo desse modo, frequentemente teremos conosco Aquele que agora não podemos enxergar, mas que fará nosso coração arder em nosso íntimo por abençoar a nossa conversação.

Devemos observar nestes versículos quão fraco e imperfeito era o conhecimento de alguns dos discípulos de nosso Senhor. Os dois discípulos de Emaús confessaram sinceramente que suas expectativas foram desapontadas pela crucificação de Cristo. Afirmaram: *“Esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel”*. Uma redenção temporal dos judeus realizada por um conquistador parece ter sido a redenção que eles aguardavam. Uma redenção espiritual por meio de uma morte sacrificial era uma ideia que suas mentes não podiam assimilar completamente.

Eles demonstraram uma ignorância, à primeira vista, verdadeiramente estarrecedora. Não devemos ficar surpresos com a repreensão severa que saiu dos lábios de nosso Senhor: *“Ó néscios e tardios de coração para crer”*. No entanto, podemos aprender algo da ignorância deles. O fato nos mostra que temos poucos motivos para ficar admirados diante da obscuridade espiritual que envolve a mente de muitos crentes desleixados. Milhares ao nosso redor ignoram o significado dos sofrimentos de Cristo, assim como esses viajantes de Emaús. Enquanto o mundo existir, a cruz será reputada como loucura para o homem natural.

Devemos bendizer a Deus, porque a verdadeira graça divina pode estar oculta por trás de muita ignorância intelectual. Um conhecimento nítido e acurado é muito útil, mas não é essencial à salvação; podemos possuí-lo sem ter a graça divina em nosso coração. Um profundo senso de pecado, uma humilde disposição de ser salvo à maneira que Deus requer, uma prontidão para abandonar nossos preconceitos, quando um caminho mais excelente nos for mostrado - são as características mais importantes. Os discípulos de Emaús as possuíam; por isso, nosso Senhor foi com eles e os guiou a toda a verdade.

O Antigo Testamento está repleto de ensinamentos sobre a pessoa de Cristo. Nosso Senhor, *“começando por Moisés, percorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”*. Como podemos explicar as palavras de Cristo? De que maneira nosso Senhor expôs-lhes *“o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”*? A resposta é simples e curta. Cristo era a essência de todos os sacrifícios ordenados na lei de Moisés. Cristo era o verdadeiro Libertador e Rei, do qual todos os juizes e libertadores da história de Israel eram apenas figuras. Ele era o Profeta vindouro, maior do que Moisés, cujo glorioso advento enchia as páginas dos profetas. Cristo era a verdadeira semente da mulher, que pisaria a cabeça da serpente e era o verdadeiro descendente em quem todas as nações seriam benditas. Cristo era o verdadeiro Siló, a quem todo o povo se reuniria; Ele era o verdadeiro bode da expiação, a verdadeira serpente de bronze, o verdadeiro Cordeiro, para o qual todos os sacrifícios diários apontavam. Cristo era o verdadeiro Sumo Sacerdote, de quem todos os descendentes de Arão eram apenas figuras. Esses fatos e outros semelhantes, com certeza, foram alguns dentre os fatos que nosso Senhor explicou no caminho para Emaús.

Ao ler a Bíblia, devemos ter em nossa mente o firme princípio de que Cristo é o assunto central de todas as Escrituras. Enquanto o mantemos diante de nossos olhos, jamais cometeremos grandes erros em nossa busca por conhecimento espiritual. Se o perdermos de vista, acharemos a Bíblia inteira um livro obscuro e cheio de dificuldades. Jesus Cristo é a chave do conhecimento bíblico.

Por último, devemos observar nestes versículos o quanto Jesus aprecia ser solicitado por seu povo. Quando os discípulos se aproximavam de Emaús, nosso Senhor *“fez (...) menção*

de passar adiante". Ele deseja ver se os discípulos estavam cansados de sua conversa. Mas não estavam. *"Eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque é tarde, o dia já declina. E entrou para ficar com eles."* Há alguns acontecimentos semelhantes registrados nas Escrituras. Nosso Senhor acha conveniente, para o nosso bem, sustentar suas misericórdias até que por elas imploremos. Ele não nos concede obrigatoriamente seus dons, não buscados e não solicitados. O Senhor Jesus aprecia extrair de nós os nossos desejos e compeli-los a exercitar nossas afeições espirituais, aguardando por nossas orações. Ele agiu dessa maneira com Jacó. *"Deixa-me ir"*, Ele disse, *"pois já rompeu o dia"*. Em seguida, temos aquela nobre declaração dos lábios de Jacó: *"Não te deixarei ir se me não abençoares"* (Gênesis 32.26). A história da mãe cananéia, a história da cura de dois cegos de Jericó, a história do homem nobre de Cafarnaum, a parábola do juiz iníquo e a do amigo que chegou à meia-noite, todas têm o propósito de nos ensinar a mesma lição e todas demonstram que nosso Senhor aprecia muito ser solicitado e gosta de ser incomodado.

Devemos agir de acordo com esse princípio em todas as nossas orações. Devemos pedir muito e com frequência, não perdendo nada por falta de orarmos. Não sejamos como o rei de Israel que feriu a terra somente três vezes e parou (2 Reis 13.18). Pelo contrário, recordemos as palavras do salmo de Davi: *"Abre bem a boca, e a enche"* (Salmo 81.10). O homem que impõe, em oração, um santo constrangimento sobre a pessoa de Cristo é o que mais desfruta de sua presença.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?